

“Maldito seja Copérnico!”: notas sobre a formação do analista

Calebe Pinheiro

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a formação do analista a partir dos efeitos da modernidade na experiência subjetiva, tomando como fio condutor a figura literária de Mattia Pascal, de Luigi Pirandello. O texto interroga a posição do analista diante da falha de garantias ontológicas que atravessa o sujeito contemporâneo. A partir de referências centrais da obra de Jacques Lacan, especialmente no que concerne ao estatuto do inconsciente, da repetição, da contingência e do impossível, sustenta-se que a experiência analítica não se orienta pela restituição de um sentido último nem pela recomposição de uma imagem estável do ser. Ao contrário, trata-se de sustentar, na clínica, a hiância própria da linguagem e os efeitos do real que dela advêm. Nesse contexto, a formação do analista é pensada menos como acúmulo de saberes e mais como elaboração de uma posição ética capaz de não ceder à exigência contemporânea de sentido, explicação e fechamento. O artigo defende que extrair um possível do impossível não implica resolver o impasse estrutural do sujeito, mas sustentar as condições para que algo possa advir sem garantia, sem antecipação e sem a promessa de completude.

Palavras-chave:

Formação; Impossível; Inconsciente; Modernidade.

“Cursed be Copernicus!”: notes on the formation of the analyst

Abstract

This article proposes a reflection on the formation of the analyst based on the effects of modernity on subjective experience, taking as its guiding thread the literary figure of Mattia Pascal, from Luigi Pirandello. The text examines the analyst's position in the face of the failure of ontological guarantees that marks the contemporary subject. Drawing on central references from Jacques Lacan's work, particularly concerning the status of the unconscious, repetition, contingency, and the impossible, it argues that analytic experience is not oriented toward the restitution of an ultimate meaning nor toward the reconstruction of a stable image of being. Rather, the clinical task involves sustaining the hiatus inherent to language and the effects of the real that emerge from

it. In this context, the formation of the analyst is conceived less as the accumulation of knowledge and more as the elaboration of an ethical position capable of resisting the contemporary demand for sense, explanation, and closure. The article contends that extracting a possible from the impossible does not mean resolving the subject's structural impasse, but rather sustaining the conditions under which something may occur without guarantee, anticipation, or the promise of completeness.

Keywords:

Formation; Impossible; Unconscious; Modernity.

“¡Maldito sea Copérnico!”: notas sobre la formación del analista

Resumen

El presente artículo propone una reflexión sobre la formación del analista a partir de los efectos de la modernidad en la experiencia subjetiva, tomando como hilo conductor la figura literaria de Mattia Pascal, de Luigi Pirandello. El texto interroga la posición del analista frente a la falla de las garantías ontológicas que atraviesa al sujeto contemporáneo. A partir de referencias centrales de la obra de Jacques Lacan, en particular en lo que concierne al estatuto del inconsciente, de la repetición, de la contingencia y de lo imposible, se sostiene que la experiencia analítica no se orienta hacia la restitución de un sentido último ni hacia la recomposición de una imagen estable del ser. Por el contrario, se trata de sostener, en la clínica, la hiancia propia del lenguaje y los efectos de lo real que de ella se desprenden. En este contexto, la formación del analista se concibe menos como acumulación de saberes y más como la elaboración de una posición ética capaz de no ceder a la exigencia contemporánea de sentido, explicación y cierre. El artículo defiende que extraer un posible de lo imposible no implica resolver el impasse estructural del sujeto, sino sostener las condiciones para que algo pueda advenir sin garantía, sin anticipación y sin la promesa de completud.

Palabras clave:

Formación; Imposible; Inconsciente; Modernidad.

Maudit soit Copernic ! : notes sur la formation de l'analyste

Résumé

Cet article propose une réflexion sur la formation de l'analyste à partir des effets de la modernité sur l'expérience subjective, en prenant comme fil conducteur la figu-

re littéraire de Mattia Pascal, de Luigi Pirandello. Le texte interroge la position de l'analyste face à la défaillance des garanties ontologiques qui traversent le sujet contemporain. À partir de références centrales de l'œuvre de Jacques Lacan, notamment en ce qui concerne le statut de l'inconscient, de la répétition, de la contingence et de l'impossible, il soutient que l'expérience analytique ne s'oriente ni vers la restitution d'un sens ultime ni vers la recomposition d'une image stable de l'être. Il s'agit plutôt de soutenir, dans la clinique, la béance propre au langage et les effets du réel qui en découlent. Dans ce contexte, la formation de l'analyste est pensée moins comme une accumulation de savoirs que comme l'élaboration d'une position éthique capable de ne pas céder à l'exigence contemporaine de sens, d'explication et de clôture. L'article défend que tirer un possible de l'impossible ne consiste pas à résoudre l'impasse structurelle du sujet, mais à soutenir les conditions permettant que quelque chose advienne sans garantie, sans anticipation et sans promesse de complétude.

Mots-clés :

Formation ; Impossible ; Inconscient ; Modernité.

Introdução

Sentado no murinho, com o queixo apoiado em sua bengala, Mattia Pascal brada ao amigo e reverendo Dom Eligio: “Maldito seja Copérnico!” (Pirandello, 1904/2023). Diante da perplexidade do interlocutor, vê-se obrigado a explicar tamanha irritação com o astrônomo e matemático, que, até então, jamais lhe fizera mal algum. Antes de Copérnico meter o bedelho onde não era chamado, a Terra permanecia tranquilamente no centro do Universo...

Copérnico, dirá Mattia Pascal, arruinara a humanidade de modo irremediável. Desde então, o homem fora obrigado a se adaptar, pouco a pouco, à nova concepção de sua infinita pequenez, passando a se considerar menos do que nada no Universo, apesar de todas as suas descobertas e intervenções. Nesse contexto, que valor poderiam ter as notícias, não apenas das misérias individuais, mas também das calamidades gerais, senão o de histórias de pequenos vermes que se agitam à toa? A erupção de um vulcão reduziu-se a um simples arroteio da Terra.

Ainda assim, observa ele, continuamos a viver como se a Lua estivesse no céu apenas para nos alumiar à noite, o Sol, para nos iluminar de dia, e as estrelas, para nos oferecer um belo espetáculo. Esquecemos repetidas vezes que somos átomos infinitesimais e, mesmo assim, exigimos respeito, admiração e reconhecimento, ao mesmo tempo que somos capazes de nos engalfinharmos por um pedaço de terra ou de nos afligirmos por coisas que, se estivéssemos verdadeiramente à altura do que somos, deveriam parecer misérias incalculáveis.

Nesse mesmo caminhar, observa Mattia Pascal, há algo que atenua os efeitos desse radical descentramento. O ser humano, por sorte, distrai-se facilmente. Mesmo confrontado com a própria insignificância, ele não permanece muito tempo nesse ponto. Rapidamente volta a se ocupar de si, a reconstruir uma imagem coerente do que é, a produzir uma narrativa sobre sua existência, como se ela obedecesse a um destino, a uma identidade natural, a um lugar previamente traçado no mundo.

Em um só golpe, Luigi Pirandello faz de Mattia Pascal um personagem exemplar da modernidade, cuja aptidão para uma leitura da subjetividade se mostra notável. Não se trata, afinal, de Copérnico, mas da relação do sujeito com a verdade. Ainda assim, Copérnico é aquele que, para Mattia, encarna um ato capaz de romper com certa razão, instaurando um descentramento entre a verdade e seu estatuto ontológico.

Longe de pretendermos realizar uma análise literária da obra de Luigi Pirandello, ou de produzir uma leitura psicológica de seu personagem, trata-se, antes, de extrair daí uma posição que nos concerne como analistas. Mattia Pascal não comparece aqui como objeto de interpretação, mas como operador de uma questão, algo da condição do sujeito moderno, quando a garantia de seu ser deixa de se sustentar em um Outro que tudo garanta. Diante da impossibilidade de assegurar para si um lugar natural no mundo, o sujeito não permanece em hiato por muito tempo. Ele se vê convocado a recompor esse furo, seja por meio de narrativas que se aproximem mais dos fatos do que do ato de contar, seja pela produção de sintomas que passam a organizar sua existência. É aí que a questão deixa de ser literária e se torna clínica, pois é justamente esse sujeito, às voltas com a falha de um sentido que o fundamenta, que acaba por nos encontrar em nossos consultórios.

É a partir dessa tentativa de recomposição, pela via do sintoma ou da narrativa, que o encontro com o analista se torna decisivo. Quando nossos analisandos chegam a nossos consultórios nos convocando a responder pela impossibilidade de uma garantia ontológica, a posição do analista é imediatamente implicada nessa operação. A análise não contorna essa questão, mas a toma como seu próprio campo de trabalho. Lacan o formula de maneira direta, ao interrogar qual é a relação do analista com o ser de seu paciente, lembrando que é disso que se trata em análise: “E é nisso, realmente, que a questão se coloca para um analista. A saber, qual a nossa relação com o ser de nosso paciente? Sabe-se bem, afinal, que é disso que se trata em análise” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 50). A clínica, portanto, não se reduz ao manejo dos sintomas, mas exige do analista uma posição diante da demanda de garantia que lhe é endereçada. Do modo como responde, ainda que por sua recusa, depende o caminho pelo qual o sujeito poderá ou não se haver com o impossível do sentido que o constitui.

Essa demanda dirigida ao analista não se apresenta, contudo, de forma neutra ou suspensa. Ela chega marcada por uma urgência, por uma exigência de resposta, que não tolera facilmente o intervalo ou a espera. Diante da ausência de garantia ontológica, algo insiste em ser novamente nomeado e articulado em uma cadeia causal capaz de devolver ao sujeito uma imagem inteligível de si mesmo. Não se trata apenas de um pedido de alívio do sofrimento, mas de uma tentativa incansável de reinscrever a experiência em um sentido que a torne suportável, mesmo quando esse sentido já se mostrou insuficiente. É nesse ponto que a engrenagem do sentido se põe em funcionamento, não como produção pontual de significação, mas como repetição de uma tentativa de sutura, convocando o analista a ocupar o lugar daquele que saberia dizer o que se passa, por que se passa e o que fazer com isso. Lacan adverte que é justamente aí que se instala uma armadilha, ao afirmar que “é na medida em que acreditamos poder responder à sua demanda que estamos no sentimento de compreender” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 248). A urgência, aqui, não é apenas do sujeito, mas atravessa a cena analítica, incidindo diretamente sobre o dizer do analista.

O que resta de uma tentativa

Afinal, não se pode ao mesmo tempo comer o doce e guardá-lo.
(Lacan, 1968-1969/2008, p. 112)

Não é sem motivo que a leitura da mais-valia, em Marx, chama a atenção de Lacan. O que está em jogo, para Lacan, não é a denúncia moral da exploração, mas a estrutura de um funcionamento que opera à revelia da vontade pessoal do sujeito. Trata-se de ler em Marx um fenômeno produzido por uma lógica estrutural na qual a perda não aparece como acidente, mas como condição de funcionamento de um sistema. Essa lógica encontra, na psicanálise, uma formalização precisa na operação significante. A tentativa de produzir unidade de sentido e de ser por meio da articulação entre um significante mestre, S1, e um saber, S2, visa a fazer existir “aquilo que é”, isto é, uma consistência unívoca do sujeito. No entanto, essa soma não se fecha. Da articulação entre S1 e S2 resulta sempre um resto, um excedente que escapa à significação e que Lacan nomeia, em uma formulação aqui necessariamente abreviada, objeto *a*.

É justamente porque algo sobra e porque subsiste a hipótese de um ser pleno, de uma unidade possível, que esse resto retorna, não como falha ocasional, mas como reinvestimento. É nesse horizonte que Lacan distingue o mais-de-gozar do gozo propriamente dito, insistindo que ele não corresponde a um acréscimo de satisfação, mas à perda do gozo, na medida em que dela surge aquilo que passa a operar como causa do desejo de saber e da animação que se alimenta dessa perda:

“o mais-de-gozar é diferente do gozo. O mais-de-gozar é aquilo que corresponde não ao gozo, mas à perda do gozo” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 114). O retorno insistente da perda não pode, assim, ser compreendido como simples efeito subjetivo ou falha de elaboração. Ele se produz no próprio funcionamento discursivo, que, ao tentar organizar a experiência, engendra um resto que escapa. É desse modo que a repetição deixa de ser pensada como insistência psicológica e passa a ser lida como efeito estrutural. O mais-de-gozar designa, assim, a modalidade pela qual a perda estrutural retorna, não como obstáculo a ser superado, mas como operador da repetição que sustenta a economia subjetiva.

Se o mais-de-gozar nomeia esse retorno insistente da perda sob a forma de uma satisfação paradoxal, a questão que se apresenta para o analista desloca-se para o estatuto da própria tentativa de recomposição. Restaria algo caso se pudesse, como Mattia Pascal parece buscar, recompor um mundo cuja natureza fosse em si aquilo que é, isto é, um mundo sustentado por uma motivação ontológica das coisas e por um sentido unívoco do ser? O finado Mattia Pascal comparece, aqui, não como narrativa a ser interpretada, mas como operador desta questão: mesmo quando a tentativa se orienta por uma hipótese ontológica, algo insiste e se produz como resto irreduzível da articulação entre S1 e S2. A direção do tratamento se decide, então, na possibilidade de não responder a essa convocação, sustentando que não é da falha contingente da tentativa que o resto emerge, mas da própria suposição de que haveria um ser a ser plenamente reencontrado.

É essa impossibilidade que, na clínica, se manifesta na dificuldade de sustentar o intervalo, a suspensão e o não saber. Diante da impossibilidade de fazer do próprio ser um fato, o sujeito tende a produzir narrativas, explicações e diagnósticos que lhe devolvam alguma consistência. O sintoma passa, então, a operar como amarração provisória, não apenas como forma de sofrimento, mas como tentativa de organizar um sentido ali onde a consistência do ser vacila. A demanda dirigida ao analista frequentemente se ancora nessa mesma expectativa de restituição, convocando-o a oferecer um fundamento, uma coerência ou uma imagem estável de si. A direção do tratamento se decide, assim, na possibilidade de não responder a essa convocação, sustentando que não é pela via da elucidação exaustiva que se opera em análise, como lembra Lacan (1960-1961/1992, p. 229), ao afirmar que “é preciso realmente admitir que não existe em ninguém qualquer elucidação exaustiva do inconsciente, por mais longe que seja levada uma análise”. Essa limitação não é contingente, mas estrutural à própria prática analítica. Ainda com Lacan (1968-1969/2008, p. 124): “(...) há uma atividade cujo ponto de partida se baseia na assunção da perda, é justamente a nossa, na medida em que, na própria abordagem de qualquer regra, isto é, de uma concatenação significante, trata-se de um efeito de perda”. Trata-se, portanto, de reconhecer que a análise não se orienta pela busca de um sentido último sobre si, mas por uma posição diante da linguagem.

É a partir dessa posição que se pode situar o que está em jogo na formação do analista: não o acúmulo de saberes destinados a dizer o ser, mas a possibilidade de não ceder à exigência de fazer existir, a qualquer custo, um sentido onde algo do real insiste em escapar. Talvez seja por isso que a imprecação de Mattia Pascal contra Nicolau Copérnico conserve seu alcance. Ao retirar a Terra do centro, Copérnico encarna, para Mattia, a queda de uma ordem na qual o mundo poderia garantir, por sua própria estrutura, o sentido das coisas e do ser. O que se torna insuportável não é o deslocamento em si, mas a consequência de que nenhuma posição venha assegurar, de antemão, quem se é. A errância de Mattia ganha, assim, valor de operador, pois não há recomposição identitária que não relance a perda, nem tentativa de fixação que não produza um resto.

A formação do analista se articula a esse mesmo impasse, não como preparo para responder à demanda de recentramento, mas como exercício de uma posição capaz de não recobrir a ausência de garantias. Trata-se menos de oferecer ao sujeito um novo eixo do que de acompanhar a experiência de que algo do real não se deixa recentrar. Na clínica cotidiana, esse efeito não se apresenta sob a forma de grandes descobertas ou rupturas espetaculares. Ele comparece em acontecimentos aparentemente banais, como uma separação, uma perda, um encontro ou mesmo uma frase ouvida no momento errado, capazes de fazer vacilar as coordenadas pelas quais o sujeito até então se orientava. É muitas vezes diante dessa desorganização inesperada que o neurótico procura análise, confrontado com a queda de uma certeza que parecia sustentar naturalmente sua existência. Se, como observa Pirandello, o ser humano se distrai facilmente, talvez a tarefa do analista consista em não se distrair diante desse ponto, acolhendo a irrupção do impossível não como um desvio a ser corrigido, mas como aquilo que orienta eticamente a direção do tratamento.

Extrair do impossível um possível

O embarque na semântica é o naufrágio certo.
(Lacan, 1964/2009, p. 22)

É diante dessa insistência do impossível, que a formação do analista é convocada a sustentar, que a questão do inconsciente se impõe de modo decisivo. Pois se a experiência analítica não pode responder à demanda de recentramento nem restituir ao sujeito um lugar natural do ser, isso não se deve a uma insuficiência no que diz respeito à direção do tratamento, mas à própria lógica pela qual o inconsciente opera. Desde Freud, lembra-nos Lacan (1964/2009), o que se impõe não é a descoberta de um sentido oculto a ser recuperado, mas a abertura de uma hiância que resiste à sutura. Não é por acaso que Lacan critica com tanta veemência a tendência de

certos analistas a se tornarem “ativos ortopedutas”, empenhados em psicologizar a teoria e em refechar o inconsciente sobre sua mensagem. Ao insistir em seu caráter não ontológico, Lacan marca que o inconsciente não se presta a fundar um ser oculto nem a garantir uma consistência última do sujeito. “O que se apresenta na experiência analítica não é nem o ser, nem o não ser, mas algo de não realizado, um ponto que escapa a toda determinação do ser e que não pode ser convertido em garantia última.” “O estatuto do inconsciente, que lhes indico tão frágil no plano ôntico, é ético” (Lacan, 1964/2009, p. 40). Essa fragilidade no plano ôntico não constitui um defeito a ser corrigido, mas é precisamente o que confere ao inconsciente seu estatuto ético: ele convoca o analista não a completar o que falta, mas a sustentar uma posição diante do que, estruturalmente, não se deixa fazer existir.

Torna-se decisivo, então, distinguir a repetição de qualquer ideia de reprodução ou de retorno ao mesmo. Lacan (1964/2009) insiste que a repetição não visa à recuperação de um acontecimento originário nem à reinscrição fiel de uma cena perdida. O que retorna, na experiência analítica, não é aquilo que poderia ser lembrado ou trazido à significação, mas algo que insiste justamente porque não se realizou. A repetição aponta, assim, para um encontro sempre falhado com o real, um ponto que escapa à simbolização e que não se deixa capturar pela rememoração. É nesse sentido que a análise se orienta por aquilo que, no coração da experiência, constitui o núcleo do real. Para a formação do analista, essa distinção é crucial: confundir repetição com reprodução equivale a supor que o trabalho analítico teria por finalidade restaurar um sentido perdido ou conduzir o sujeito a uma versão mais coerente de sua história. Sustentar a repetição como efeito do não realizado, ao contrário, implica reconhecer que o que retorna não é da ordem do recuperável, mas da contingência do encontro. A posição do analista se define, então, não pela promessa de fechamento, mas pela capacidade de dar lugar à contingência, sem convertê-la em necessidade, fazendo do impossível não uma solução, mas a condição para que algo advenha.

A repetição, assim concebida, não conduz a um retorno organizado nem a uma estabilização progressiva da experiência. Ao contrário, ela abre o campo no qual apenas o contingente pode operar. Se algo retorna, não é porque esteja destinado a fazê-lo, mas porque o encontro falha e, ao falhar, deixa um ponto em suspenso. É nesse intervalo que a contingência se inscreve, não como acaso empírico, mas como o único modo pelo qual algo pode advir, quando não há necessidade que ordene o percurso.

Quando a contingência se impõe dessa maneira, torna-se necessário precisar o estatuto do impossível que aí se manifesta. Não se trata de um obstáculo empírico, nem de algo que teria falhado por insuficiência de saber, de técnica ou de elaboração. O impossível em jogo na experiência analítica não designa aquilo que “não deu

certo”, mas um ponto que não pode escrever-se como tal. Sempre que esse ponto é lido retrospectivamente como fracasso, o que se produz não é o real, mas a impotência, isto é, a suposição de que algo poderia ter sido diferente, caso houvesse mais compreensão, mais sentido ou maior domínio. Essa confusão é clinicamente decisiva, pois desloca um impasse estrutural para o registro da falha do sujeito ou da insuficiência do tratamento. Alain Badiou (2013) formula essa torção de maneira precisa, ao situar, na ética do tratamento, a tensão entre duas exigências: produzir uma formalização correta e, com isso, elevar a impotência imaginária ao impossível real. Sustentar o impossível implica, portanto, reconhecer que algo sempre escapa por estrutura. Trata-se de uma exigência ética da psicanálise, que impede que o real seja recoberto por explicações ou reduzido a uma questão de sentido.

Nessa perspectiva, o real não designa aquilo que ainda aguardaria simbolização, mas aquilo que se manifesta precisamente quando a linguagem atinge o limite de suas próprias possibilidades. Não se trata, portanto, de uma verdade do real a ser descoberta ou revelada, mas de uma função que incide sobre o saber, como observa Badiou (2013, p. 73), ao afirmar que, “para Lacan, não há verdade do real, ao contrário do que, de uma maneira ou de outra, é sempre suposto pela filosofia. Só há verdade na medida em que há função do real no saber”. O que se evidencia na experiência analítica não é um conteúdo que escapou à interpretação, mas um limite que resiste a qualquer tentativa de fechamento. Há sempre algo que se enuncia sem que possa ser integrado a um sistema de sentido capaz de esgotá-lo. Esse resto não comparece, para o analista, como fracasso da interpretação ou insuficiência do trabalho, mas como índice do que está em jogo na própria experiência do inconsciente. É nesse registro que Lacan retoma a castração, “sublinhando apenas que é exigível que ela não se reduza à anedota de uma fala ouvida” (Lacan, 1971-1972/2009, p. 40), isto é, a um episódio significável ou a uma explicação psicológica.

Retomando a questão da formação, pode-se dizer que ela implica uma relação com o real que não busca dominá-lo nem pacificá-lo por meio do saber. Trata-se de preservar uma prática orientada por essa impossibilidade constitutiva, ali onde a linguagem encontra seu limite sem que isso seja reconduzido ao registro da impotência. O possível que daí se extrai não se confunde com a promessa de um saber suplementar nem com a construção de uma verdade mais completa sobre o sujeito. Ele advém daquilo que se torna possível quando a linguagem já não garante o ser. É nesse sentido que Lacan pode afirmar que:

O inconsciente não quer dizer nada, senão que, diga eu o que disser e onde quer que me posicione, mesmo que me posicione bem, não sei o que digo, e que nenhum discurso permite pretender ou esperar saber o que se diz. (Lacan, 1971/2009, p. 42)

Ao não recobrir o resto com sentido, abre-se a possibilidade de que algo se produza a partir do próprio limite, não como resolução do impasse, mas como deslocamento em relação à exigência de completude que sustentava a demanda. O possível que daí se extrai não resolve o impasse estrutural, mas advém justamente da sustentação dessa impossibilidade.

É nessa orientação que a prática analítica se distingue de qualquer empreendimento voltado à normalização, à adaptação ou à restituição de um fundamento perdido. O trabalho analítico não visa a transformar o impossível em solução, nem a convertê-lo em explicação, mas a sustentar uma experiência na qual o sujeito possa haver-se com aquilo que não se escreve, sem que isso seja imediatamente traduzido em impotência. Extrair um possível do impossível designa, assim, não um objetivo a ser alcançado, mas uma orientação ética: acolher aquilo que pode emergir sem estar previamente inscrito em um saber.

Uma nota final sobre a formação do analista

Nestas impressões sem nexos, sem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem fatos, a minha história sem vida. São as minhas confissões, e, se nelas nada digo, é que nada tenho a dizer. Nasci num tempo em que a maioria dos jovens tinha perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores a tinham tido — sem saber por quê.
(Soares, 2021)

O finado Mattia Pascal permanece, ao final deste percurso, não como objeto de interpretação, mas como operador decisivo da questão que atravessa este texto. Não porque sua história esclareça a clínica, mas porque nela se escreve, de modo rigoroso, a impossibilidade de restituir uma imagem estável de si quando a garantia ontológica falha. Mattia não se perde por ausência de sentido, mas por ser incessantemente reconduzido à exigência de que haja um sentido último capaz de dizer quem ele é. Ao se recorrer a Pirandello, não se tratou de ilustrar conceitos psicanalíticos, mas de situar, em uma forma literária precisa, o ponto em que a modernidade confronta o sujeito com aquilo que não se recompõe. É nesse mesmo ponto que a análise se inscreve, não para reparar a ruptura, mas para sustentar suas consequências.

Os temas aqui mobilizados não poderiam ser tratados em toda a sua extensão no espaço deste trabalho. O percurso realizado teve o propósito de colocar algumas dessas questões em relação e examinar suas incidências para o problema da formação do analista. Trata-se, portanto, de um recorte teórico limitado, que deixa em aberto questões cuja elaboração exigiria desenvolvimentos próprios. Se algo pode ser afirmado em conclusão, é que a formação do analista não se mede pela extensão

do saber adquirido, mas pela relação que se estabelece com aquilo que resiste ao saber. Nesse sentido, formar-se como analista implica sustentar uma prática que não encontra sua orientação em garantias prévias, mas no trabalho permanente com os impasses que a experiência analítica torna visíveis.

Referências bibliográficas

- Badiou, A. (2013). Não há relação sexual. In B. Cassin & A. Badiou. *Não há relação sexual: duas lições sobre “O aturdido” de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Marx, K. (2013). *O capital: crítica da economia política* (Livro I). São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1867)
- Pirandello, L. (2023). *O finado Mattia Pascal* (R. Cocchi, Trad.). Dois Irmãos, RS: Clube de Literatura Clássica. (Trabalho original publicado em 1904)
- Soares, B. (2021). *Livro do desassossego*. Novo Hamburgo: Clube de Literatura Clássica.

Recebido: 05/02/2026

Aprovado: 27/03/2026